

**O NÚCLEO AUDIOVISUAL DO ESPAÇO COMUM LUIZ ESTRELA APRESENTA:
“ROLÊ” PELO CINE ESTRELA**

**THE AUDIOVISUAL CORE OF THE ESPAÇO COMUM LUIZ ESTRELA
PRESENTS: “ROLE” BY THE STAR FILM**

Cláudia Regina dos Anjos / PBH
Lucia Gouvêa Pimentel / UFMG

RESUMO

O presente artigo configura-se como uma etnografia realizada no Espaço Comum Luiz Estrela/ Estrela, aprovado pelo CNPq, fruto de processos colaborativos entre os Programas de Pós-Graduação da PUC-Minas e da EBA/UFMG por meio de seus Grupos de Pesquisa, GIS, EDUC e EARTEC, intitulado *Culturas Urbanas: Georreferenciamento e Análise Cultural de Grupos Juvenis em sua relação com a Escola, as tecnologias e com a cidade de Belo Horizonte/MG-Brasil*. No processo de coleta de dados foi escolhido o Estrela para o aprofundamento da pesquisa porque se configura como um dos espaços que convergiam vários grupos representativos das expressões e intervenções culturais na cidade. Neste artigo será apresentada a etnografia do Núcleo Audiovisual do Estrela, que se caracteriza como um grupo de ações e experiências relacionadas à construção e exibição de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa colaborativa; Espaço Comum Luiz Estrela; arte, audiovisual; culturas urbanas.

ABSTRACT

*This article is an ethnography carried out in the Espaço Comum Luiz Estrela/Estrela, approved by CNPq, the result of collaborative processes between the Post-Graduation Programs of PUC-Minas and EBA/UFMG through its research groups, GIS, EDUC and EARTEC, entitled *Urban Cultures: Georeferencing and Cultural Analysis of Youth Groups in their relationship with the School, technologies and with the city of Belo Horizonte/MG-Brazil*. In the process of data collection the Estrela was chosen to deepen the research because it is configured as one of the spaces that converged several representative groups of expressions and cultural interventions in the city. This article will present the ethnography of the Audiovisual Nucleus of the Star, which is characterized as a team of actions and experiences related to the building and displaying images.*

KEYWORDS: Collaborative research; Espaço Comum Luiz Estrela; art, audio-visual; urban cultures.

O NÚCLEO AUDIOVISUAL DO ESPAÇO COMUM LUIZ ESTRELA APRESENTA: “ROLÊ” PELO CINE ESTRELA

O presente artigo configura-se como uma etnografia realizada no Espaço Comum Luiz Estrela, parte do projeto sobre culturas na cidade de Belo Horizonte- MG, coordenado pela professora Sandra Tosta, aprovado pelo CNPq, fruto de processos colaborativos entre os Programas de Pós-Graduação da Pontifícia Católica de Minas Gerais PUC-Minas e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais EBA/UFMG por meio de seus Grupos de Pesquisa, GIS, EDUC e EARTEC, intitulado *Culturas Urbanas: Georreferenciamento e Análise Cultural de Grupos Juvenis* em sua relação com a Escola, as tecnologias e com a cidade de Belo Horizonte/MG-Brasil.

A Etnografia realizada de 2013 a 2016, além da pesquisa de campo com observação participante e registros audiovisuais e entrevistas, considerou, ainda, o georreferenciamento. No processo de coleta de dados, foi escolhido o Espaço Comum Luiz Estrela – o ‘Estrela’ - para o aprofundamento da pesquisa, porque se configura como um dos espaços para o qual convergem vários grupos representativos das expressões e intervenções culturais na cidade. Como parte dos resultados desse projeto, foram organizadas etnografias de vários grupos organizativos do Estrela que concentram diversos grupos, ativistas e movimentos políticos, culturais e sociais da cidade de Belo Horizonte. Neste artigo será apresentada a etnografia do Núcleo Audiovisual do Estrela, que se caracteriza como um grupo de ações e experiências relacionadas à imagem, ao audiovisual, a exemplo do Cine Estrela.

Espaço Comum Luiz Estrela

O Espaço Comum Luiz Estrela é fruto de uma ocupação realizada por um grupo de ativistas da cidade de Belo Horizonte/BH e região metropolitana. Esses ativistas são pessoas que têm uma participação ativa e dinâmica de luta por um mundo melhor; são oriundos de movimentos sociais e culturais nas temáticas da mobilidade urbana, do direito a cidade e a moradia, alternativa à exploração do mercado de trabalho, alternativa à lógica da burocracia etc., conforme evidenciamos no registro de campo:

(...) não houve a Reunião Geral, pois estavam nas vigílias das Ocupações. Como o Espaço Comum Luiz Estrela é oriundo da convergência dos movimentos sociais e, também, uma ocupação os ativistas do espaço estão sempre em movimento ou participando de

algum dos vários movimentos da cidade/estado/país. (ANJOS, Relatório de Campo, 13/08/2014).

Atualmente, o coletivo Espaço Comum Luiz Estrela - Estrela é um “espaço comum de criação e compartilhamento artístico, político e cultural, aberto e autogestionado, localizado na Rua Manaus, 348, no bairro Santa Efigênia, Belo Horizonte¹”. No Estrela existem vários núcleos para a efetivação e funcionamento do espaço, bem como a construção do conceito e atitude do comum, conforme a proposta dos ativistas. Está organizado em eixos de Estruturação e Autogestão; Arte, Cultura e Educação; Patrimônio Cultural e Memória. Os núcleos se inter-relacionam com vários campos artísticos, como as Artes Cênicas, Artes Visuais e Audiovisual².

As artes são, por natureza, integradoras, porque têm relação direta e estreita com a vida, ou seja, a arte e a vida se inter-relacionam. Arte é vida e como tal é pulsante. Essa pulsação pode ser estratégica para pensar a política, o comum, a relação dos sujeitos com os territórios, bem como as relações sociais e de classe imposta pelo capitalismo.

A arte é, portanto, uma construção, porque pressupõe trabalho, produção; por isso, é uma ação humana. Arte é, também, conhecimento, porque se dá em um “ato de percepção ou de memória de um momento vital” (BOSI, 1991, p.27), provocando uma constante transformação e reflexão da experiência sensível. Segundo Bosi (1991), a arte é também expressão, porque a relação entre a força e a forma é constituinte de um “saber que investiga as correspondências entre as expressões corporais e sua qualidade subjetiva” (p.50). Assim, torna-se capaz de questionar a história escrita por quem sempre esteve no poder e o detém. A arte é também um ato político.

Em síntese, a “arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos”³. O fato de o Estrela lançar mão das artes e suas (im)possíveis inter-relações, coloca-o no lugar do sensível, bem como da qualidade construtiva da arte por estar em sua existência, no cotidiano e na concepção de vida dos ativistas.

ANJOS, Cláudia Regina dos; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O núcleo audiovisual do espaço comum Luiz Estrela apresenta: “Rolê” pelo Cine Estrela, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3644-3655.

O Núcleo de Audiovisual do Estrela surge por meio de ações e experiências relacionadas ao audiovisual desde os primeiros momentos da ocupação, ou seja, os ativistas participantes da ocupação espontaneamente foram levando seus trabalhos autorais para projetar na fachada do casarão e, com isso, o movimento foi ganhando corpo e formando um grupo interessado em trocar experiências, promover oficinas e propor ações ao Espaço. Em outras palavras, o grupo foi construindo a proposta intencionada no momento da ocupação: transformar o casarão abandonado em um espaço fervescente em cultura, arte e economia sustentável. No caso, um espaço de confluência de artistas e produtores de audiovisuais da cidade para a construção do comum e possibilidade de seu “Corre”⁴ como alternativa à burocracia e elitização dos sistemas de cultura da cidade e do país.

O audiovisual se constitui como Núcleo Audiovisual do Espaço Comum Luiz Estrela a partir de encontros periódicos realizados pela vontade do grupo de ativistas em transformar o Estrela em um território de discussão, reflexão, produção e projeção das relações intrínsecas entre cinema e sociedade.

Essa concepção está relacionada com a humanização dos processos tecnológicos, ou seja, os sentidos e percepções potencializando as capacidades de ação e de transformação do território. Por isso, que a “arte nos revela aspectos humanos das tecnologias” (DOMINGUES, 1997, p.15).

O Núcleo Audiovisual do Espaço Comum Luiz Estrela reúne pesquisadores, produtores e curiosos que construíram - e estão a cada dia construindo - o “Cine Estrela, um espaço alternativo de cinema na cidade, que já abrigou mostras, lançamentos de filmes de produtores locais e rodas de conversas entre realizadores e público”⁵.

Embora as artes audiovisuais não estejam restritas à produção cinematográfica, o Núcleo de Audiovisual do Estrela tem dado ênfase nessa modalidade artística. Essa ênfase pode se justificar pela experiência de seus integrantes.

A experiência se relaciona ao plano da vida; experiência é vida. Isso porque além da “adaptação ou busca de conservação dos seus organismos, ação e reação ganham

ANJOS, Cláudia Regina dos; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O núcleo audiovisual do espaço comum Luiz Estrela apresenta: “Rolê” pelo Cine Estrela, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3644-3655.

uma larga amplitude, a da reflexão, do conhecimento e da reconstrução da experiência” (TEIXEIRA, 1978, p.17).

Para Dewey (2009), a experiência é o resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive. E ainda, para ter/ser uma experiência significativa é necessário que se tenha qualidade estética. Essa qualidade estética no campo da arte está relacionada também ao material. Portanto, a experiência artística seria o fazer artístico atrelado à estética com material apropriado de arte para o desenvolvimento da capacidade de produção (DEWEY, 2010). Essa estética também está relacionada às subjetividades e vivências cotidianas dos sujeitos, com sua intencionalidade com a composição artística, a apreciação e a percepção. Além disso, segundo o autor, para se ter uma qualidade estética é necessário que haja continuidade. Em relação à continuidade, pode-se destacar o correlacionamento do antes e depois do processo, construindo e reconstruindo novos conhecimentos, percepções, estéticas etc.

A partir de 2014, o Cine Estrela, assim como outras ações do Estrela, se estabeleceu como um espaço/tempo de produção, projeção e reflexão sobre a ação do casarão, a sua história e existência, a processos do Espaço Comum Luiz Estrela, bem como a preocupação com os direitos humanos, cultura e ética.

O Cine Estrela se constitui como um espaço/tempo coletivo, democrático e gratuito, se configurando como um espaço cinematográfico alternativo da cidade. A decisão do que será apresentado é decido coletivamente com os participantes do Núcleo ou com as pessoas que se interessarem.

No Cine Estrela a definição quanto aos filmes que são exibidos passam por uma discussão em reunião aberta à participação de qualquer pessoa; de demandas provocadas pelos participantes; das agendas políticas da cidade (direitos da população de rua; luta antimanicomial; luta contra a diminuição da maioria penal; ocupações urbanas, dentre outras); produções locais de realizadores independentes; mostras alternativas que veiculam filmes fora do circuito comercial⁶.

Assim, o Cine Estrela é um “rolê” cinematográfico construído no dia a dia do Espaço Comum Luiz Estrela. Esse movimento é por si educativo, uma vez que há reflexão discussão, problematização, escolhas e inter-relações de aprendizagens e

conhecimentos. Pode-se se dizer que há uma inter-relação da arte, educação e cultura. Isso porque os processos de educação envolvem processos culturais, por estarem relacionados aos processos vivenciados e materializados pelos sujeitos a partir de seus contextos. Nesse sentido, o Cine Estrela pode ser considerado um processo cultural, porque está imbricado de elaborações, intenções e pensamentos. Em relação ao processo cultural, Brandão considera que a ação intencional

[...] que pensa e põe em ação as suas ações interativas, por meio das quais o seu mundo social cria, diferencia, consagra e transforma boa parte do que ela própria é em um dado momento de sua trajetória. Do que ela própria é e do que ela possui continuamente [...]”. (2002, p.139)

Essas ações - praticadas de forma o sujeito se inter-relacionar - constituem territórios gerados de significados, em que as trocas são necessárias e fundamentais para os processos de aprendizagens. Entende-se as trocas *com* e *a partir* do outro, na diferença, pois acontecem a partir da experiência do *eu* com o *outro*.

Ao refletir, ao pesquisar e ao desenvolver sua experiência, os ativistas e pessoas que participam das discussões da construção contínua do Cine Estrela também estão (re)criando a cultura. Essas transformações podem acontecer como resultante do próprio processo ou como resultante do contato com outros processos culturais.

Os processos culturais podem ser considerados como sistemas simbólicos, mais especificamente, “como sistemas entrelaçados de signos interpenetráveis”. (GEERTZ, 1989, p.10). Esses entrelaçamentos ocasionam criação e invenção de outros símbolos e signos, que, ao ter contato com outros, se reinventam e recriam continuamente. Nessa perspectiva, o Cine Estrela pode se configurar como sistemas simbólicos entrelaçados porque a cada escolha, pesquisa, estudo e experiência ele cria e recria o audiovisual do Estrela, portanto, desenvolvendo o comum.

Nessa dimensão, a cultura é um campo de significados, valores e sentidos sem hierarquias de poder, por isso, é contextual. Assim, para se conhecer uma cultura é necessário que se tenha contato com ela e que se tenha experiência a partir e com seus sistemas. Pode-se entender que os processos do Cine Estrela contribuem para

criação e atribuição de sentidos às coisas e aos eventos a partir dos contextos e experiências dos envolvidos.

Isso remete à concepção de que a cultura é, também, uma apropriação do tempo e espaço das experiências construídas ao longo da vida, por ser uma construção constante de sentidos e de relações, onde se emergem contextos de significações. É por isso que a cultura não tem um significado único ou um referente único; seus vários significados são criados mediante sucessivas relações, percepções e construção de sentidos.

A construção de sentidos é também constituída de tensionamentos corpóreos acontecidos a partir da diferença, analogia, complementaridade e interfaces com o *outro*. Por isso, é também mediada pela e na inter-relação com o *outro*. Os ativistas e participantes do Cine Estrela estão continuamente tensionando e tensionados por esses acontecimentos e experiências, de forma a articular o seu processo de formação e (re)criação com a construção de seus próprios sistemas simbólicos de pesquisadores, ativistas, produtores e curiosos do audiovisual. Nesse processo, a construção de sentidos também é uma forma de experimentação dos contextos.

O contexto também pode dar significado aos símbolos e tensioná-los em um ambiente, de forma a escapar de definições rígidas e de fronteiras. O conceito de contexto se amplia na medida em que é parte da experiência é, “também, algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los”. (WAGNER, 2010, p.111-112).

No processo de construção do Cine Estrela, seus integrantes e ativistas convidam pessoas para dar oficinas de criação da imagem e comentar as projeções escolhidas, potencializando as inter-relações da educação, cultura e arte. As discussões e comentários geralmente vão além do tema do filme, e o próprio momento que antecede a projeção, por si, é um processo de aprendizagem.

Ao chegar algumas pessoas estavam sentadas em pufs, bancos de pneus, tapetes e banquetas na varanda – pátio coberto – do Espaço. [...] Foi feita a proposta de irmos para dentro do casarão para dar continuidade à reunião. [...]. Já dentro do casarão passamos por várias escoras do telhado. É como se fosse um labirinto escuro. Para

chegar até a sala de reunião que, segundo um de seus ativistas, onde geralmente o Núcleo Audiovisual se reúne. Passado as escoras, chegamos à sala. Esta tem uma mesa alta, com bancos altos também, estantes com livros de Arte, inclusive um do grupo PORO e com um fio e uma lâmpada. Ligou-se a luz. Após esses processos a reunião deu prosseguimento. Foram levantadas algumas datas para o Forum.doc, seria uma cessão do filme A Vizinha do Tigre, que estará no evento, seria uma cessão fora da programação oficial do Forum.doc, mas com o apoio do Forum.doc. (ANJOS, Diário de Campo, 2014).



Figura 1: Vista interna do casarão Espaço Comum Luiz Estrela⁷.

A proposta do comum e autogestão do Estrela também se aplica no Cine Estrela, tanto com as discussões como com o empréstimo dos equipamentos de alguns dos seus integrantes. Em cada sessão passa-se

o “chapéu” com o intuito de fazer uma caixinha para as pequenas despesas. Também realizam campanhas para doações de cadeiras e a partir da mobilização dos participantes e da rede de cinema envolvida no Núcleo (coletivos, grupos e pessoas), a cada mês, a partir da grade de programação construída, busca-se uma cópia das obras com qualidade adequada à exibição e, se for o caso, a autorização do realizador⁸.

Em 2015, as atividades do Cine Estrela começaram com sessões da 9ª Mostra Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul, sendo que, a cada 15 dias, o Espaço

ANJOS, Cláudia Regina dos; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O núcleo audiovisual do espaço comum Luiz Estrela apresenta: “Rolê” pelo Cine Estrela, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3644-3655.

Comum Luiz Estrela recebeu uma sessão do catálogo e a programação foi atualizada e divulgada na página do Facebook, na parte de eventos.



Figura 2: Projeção de um dos filmes da 9ª Mostra Cinema de Direitos Humanos no Cine Estrela⁹.



Figura 3: Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Cine Estrela¹⁰.

A construção da concepção do comum em que há ao inter-relacionamento da arte, educação e cultura é um processo contínuo e continuado, portanto, demanda

ANJOS, Cláudia Regina dos; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O núcleo audiovisual do espaço comum Luiz Estrela apresenta: "Rolê" pelo Cine Estrela, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3644-3655.

participação, envolvimento e diálogo. Isso acontece porque há uma relação de troca em que o aprender acontece no ensinar e no ensinar se aprende (FREIRE, 1996).

Algumas considerações

O Núcleo Audiovisual do Espaço Comum Luiz Estrela se constituiu e constitui por pessoas interessadas e que trazem consigo a experiências do audiovisual, seja no seu “corre” ou em seu desejo de aprendizagem pela sua temática e ou modalidade. As experiências retroalimentam o Cine Estrela, uma vez que há um processo de construção desde a organização do Espaço para a projeção, perpassando pelas escolhas dos filmes e as oficinas de construção de imagens.

Essas experiências são pautadas nos direitos humanos, na construção do comum de forma autogestionada, apontando formas alternativas de produções de imagens e projeções cinematográficas.

O Cine Estrela envolve e possibilita processos de construção do conhecimento em arte e política de forma dialógica, horizontal e autogestionada deflagrando processos culturais híbridos. A escolha dos filmes para a projeção é de acordo com as discussões e as temáticas construídas pelo grupo: direitos humanos e arte. Além disso, realizam oficinas de construção e produção da imagem, bem como debates com produtores e artistas sobre o filme ou sobre a produção cinematográfica. Portanto, é um espaço/tempo potente de arte, educação, cultura e política.

Em relação à construção coletiva das etnografias e o tempo/espço de realização, foi um grande desafio enfrentado pelos pesquisadores e participantes, tanto na imersão no campo como nas discussões, organizações e sistematizações realizadas dos dados. Mas, os desafios foram se transformando em aprendizagens, especialmente, nas relações humanas e humanizadoras que perpassaram o processo de fazer etnografias coletivamente.

Notas

¹Definição contida em: <https://www.facebook.com/pg/espacoluizestrela/about/?ref=page_internal>. Acessado em 18 abr. 2018.

² Disponível em <<http://oficinadeimagens.org.br/canalcinesabotage/?p=24>>. Acesso em 24 abr. 2018.

³ Palestra ministrada por Lucia Gouvêa Pimentel, para docentes da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte em outubro de 2006.

⁴ A concepção da palavra está relacionada à luta pela subsistência de forma signifi- e sem as amarras do capitalismo e burocracia.

⁵ Disponível em <<http://cinesabotage.oficinadeimagens.org.br/2015/05/11/cine-estrela-ocupar-resistir-e-projetar/>>. Acesso em 26 abr.2018.

⁶ Disponível em <<http://oficinadeimagens.org.br/canalcinesabotage/?p=24>>. Acessado em 28 abr. 2018.

⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/pg/espacoluizestrela/photos/?ref=page_internal>. Acesso 29 abr. 2018.

⁸ Disponível em <<http://oficinadeimagens.org.br/canalcinesabotage/?p=24>>. Acesso 28 abr.2018.

⁹ Disponível em <<https://www.facebook.com/events/420772151418650/>>. Acesso em 29 abr. 2018.

¹⁰ Disponível em <<https://www.facebook.com/espacoluizestrela/photos/a.589439317790744.1073741828.589433144458028/862635313804475/?type=3&theater>>. Acesso em 29 abr. 2018.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A experiência e a aventura do diálogo no aprender, no saber e no partilhar e o saber. Blog *A partilha da vida*, 2014. Disponível em <http://goo.gl/EMBgsB>. Acesso em: 26-08/2014.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. e estudos preliminares Anísio Teixeira. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DOMINGUES, Diana (Org.). *Arte e vida no século XXI: tecnologias, ciência e criatividade*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DOMINGUES, Diana. A humanização das tecnologias pela arte. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A Arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução: Adriana Lopes; revisão teórica Lólio Lourenço de Oliveira – 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, P.; PAPERT, S. *Futuro da escola e o impacto dos novos meios de comunicação no modelo de escola atual*. Documentário Produzido por Márcia Moreno e Marco Aurélio Del Rosso, em São Paulo, TV PUC de São Paulo com apoio do Jornal em novembro de 1995. Disponível em <<http://goo.gl/Nwytrf>>. Acesso em 28/08/2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. *Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscellyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura - um conceito antropológico*. 11. ed. São Paulo: Zahar, 1996.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

TEIXEIRA, Anísio. A Pedagogia de Dewey. In: DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. e estudos preliminares Anísio Teixeira. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: CosacNaify, 2010.

Cláudia Regina dos Anjos

Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Doutora em Artes (UFMG), Mestre em Educação (PUCMinas), Licenciada em Artes Visuais (UEMG). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas (CNPq), pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Cultura/EDUC (CNPq). Membro do Fórum Estadual e Metropolitano de Belo Horizonte de Educação de Jovens e Adultos. Membro da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB).

Lucia Gouvêa Pimentel

Professora Titular da EBA/UFMG. Atua no PPGARTES EBA/UFMG e no PROF-ARTES, orientando projetos de Mestrado e Doutorado. Doutora em Artes (USP), Mestre em Educação (UFMG), Bacharel e Licenciada em Artes Visuais (UFMG). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas (CNPq), membro do CLEA e Editora da Revista CLEA. Foi Coordenadora Adjunta da área de Artes - Mestrado Profissional (CAPES) (2015-2017).